

Cultura e identidade nacional

Eduardo Jardim de Moraes

Como citar: MORAES, E. J. Cultura e identidade nacional. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 23-36. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p23-36>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CULTURA E IDENTIDADE NACIONAL

Eduardo Jardim de Moraes¹

O exame da origem e desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil constitui uma preocupação constante na obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Ela participa, com outros estudiosos, de um esforço de reflexão que se afirma especialmente a partir do final dos anos 40, cuja relevância reside no fato de reconhecer nas Ciências Sociais, particularmente na Sociologia, uma instância de autoconsciência da realidade social. Esta vertente da obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz a aproxima de autores como Florestan Fernandes e Antonio Candido, com os quais dialoga. Ela visa constituir as bases de uma Sociologia do Conhecimento das Ciências Sociais no Brasil.

Uma outra dimensão da obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz é a da Sociologia da Cultura Brasileira. Aqui, o conceito de cultura está associado ao tema da identidade cultural. Esta expressa, como no caso das Ciências Sociais, mas em um sentido mais abrangente, a experiência de autocompreensão da realidade social. Por este motivo, assemelham-se os argumentos contidos nos trabalhos dedicados a estas duas matérias.

O acesso à Sociologia do Conhecimento e à Sociologia da Cultura Brasileira tem início com a avaliação das investigações já feitas nestes domínios. Artigos como o balanço feito em 1972,² com o título, “Desenvolvimento, no Brasil, das Pesquisas Empíricas de Sociologia: ontem e hoje”, os artigos “Brésil, XIXe. siècle: les précurseurs des sciences sociales”, de 1979,³ “Cientistas sociais

¹ Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro.

² PEREIRA de QUEIROZ, M. I. Desenvolvimento, no Brasil, das pesquisas empíricas de sociologia: ontem e hoje. *Ciência e Cultura (São Paulo)*, v. 24, n. 6, 1972.

³ Idem. Brésil, XIXe. siècle: les précurseurs des sciences sociales. In: *Culture, science et développement* (Mélanges en l'honneur de Charles Morazé). Toulouse: Privat, 1979.

e o auto-conhecimento da cultura brasileira através do tempo”, de 1980,⁴ e “Desenvolvimento das Ciências Sociais na América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro”, de 1989,⁵ apresentam-se como os momentos mais relevantes deste esforço de avaliação.

Ao pôr-se em foco as investigações existentes, nota-se que elas contêm um retrato em negativo da situação brasileira. Estes *retratos-do-Brasil* apresentam-se com um duplo diagnóstico. Primeiramente, eles propõem um conceito da vida intelectual brasileira em que esta aparece como insuficientemente amadurecida, tendo sido prejudicada por origens consideradas espúrias ou como desprovida de um verdadeiro enraizamento, devendo ser caracterizada como cultura transplantada.

O tratamento dado ao conceito de cultura nacional por Silvio Romero no final do século XIX e a avaliação feita por Florestan Fernandes da produção das Ciências Sociais no país constituem dois momentos em que se expressa este diagnóstico pessimista. Silvio Romero elabora a sua obra já à distância do ufanismo romântico, preocupado com a composição racial heterogênea que está na base da cultura nacional. “O problema central com que se ocupava o autor”, afirma Maria Isaura Pereira de Queiroz, “era saber como elementos culturais de origem tão diversa – européia, aborígine, africana, – se misturavam e formavam uma totalidade. O que é esta totalidade, e quais possibilidades de progresso ela tinha, dada a heterogeneidade de suas bases?”⁶ A opinião de Silvio Romero era de que a composição racial heterogênea constituía um entrave para a formação da cultura nacional. Assim, a situação cultural do país era abordada não em sua singularidade, mas como um problema. Há nela uma dificuldade de origem que ameaça comprometer o amadurecimento cultural do país. Esta diz respeito não apenas às contribuições negra e indígena, mas também às manifestações culturais de origem portuguesa ancoradas no passado, como as manifestações

⁴ Idem. Cientistas sociais e o auto-conhecimento da cultura brasileira através do tempo. *Cadernos CERU (São Paulo)*, n. 13, 1ª série, set. 1980.

⁵ Idem. Desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro. *Ciência e Cultura (São Paulo)*, v. 41, n. 4, abr. 1989.

⁶ PEREIRA de QUEIROZ, op. cit., 1979, p. 495.

folclóricas, consideradas como uma espécie de saber de segunda ordem. Silvio Romero acreditava na possibilidade da superação deste entrave. Sua filosofia de perfil evolucionista apostava na entrada dos elementos culturais considerados atrasados na corrente civilizatória. Isto se faria com a liquidação dos traços que os singularizavam.

A caracterização em negativo da vida intelectual brasileira está presente também no levantamento feito por Florestan Fernandes da produção das Ciências Sociais no país, que teriam sido transplantadas para o nosso ambiente, estando aí inseridas de modo artificial. Elas seriam, na verdade, *idéias fora do lugar*. É o que explica, segundo o autor, a ausência em nossa débil tradição das Ciências Sociais de uma proposta de construção de *sistemas sociológicos*, seja por meio da “exploração de conceitos básicos, de caráter axiomático”, seja pela “integração de novos conhecimentos ao corpus teórico da Sociologia”.⁷ Aqui, explica-se uma situação tomada como indigente pela relação de dependência estabelecida com teorias e autores estrangeiros.

O diagnóstico pessimista da situação intelectual no Brasil sustenta-se, na verdade, sobre uma avaliação mais ampla que diz respeito ao modo de ser do mundo brasileiro. Neste solo problemático da história e da vida brasileiras, marcado pela instabilidade das origens e pela situação de dependência, inicialmente colonial, e mais tarde, econômica, mal há oportunidade para a cultura se desenvolver. Para estas interpretações, a nacionalidade e a cultura nacional só se estabelecerão no dia em que se fizer a liquidação das nossas origens e dos vínculos de dependência com o contexto central. Até lá o nosso modo de ser e a nossa vida cultural se apresentarão como necessariamente precários.

Maria Isaura Pereira de Queiroz denunciou com vigor ao longo de sua obra o caráter excessivamente normativo destas análises. Elas partem de um pressuposto que consiste na valorização de um modo de ser moderno, caracterizado pelo predomínio da dimensão material da experiência humana, que se toma como um fim a ser atingido por toda a humanidade. Uma tal conceituação percorre as interpretações da vida brasileira desde os precursores das Ciências

⁷ Idem, op. cit, 1972, p. 512

Sociais no século XIX (além de Silvio Romero, ressalta-se também a importância de Euclides da Cunha e Nina Rodrigues), passando pelo debate a respeito do tema do desenvolvimento, até o momento atual. A cada momento em que se põs em pauta o tema do progresso ou da modernização do país, recorreu-se a esta definição de modernidade, que se supôs dotada de validade universal, e, tomando-a como um padrão, propôs-se a avaliação do contexto nacional. Este só poderia então aparecer como realidade lacunar.

Os principais traços do modo de ser moderno contidos nesta definição foram indicados por Maria Isaura Pereira de Queiroz quando descreveu o momento de fundação das Ciências Sociais entre nós, no final do século passado:

Eram assim valorizadas as sociedades que haviam alcançado uma expansão dos conhecimentos científicos e técnicos, nos quais passara a se basear a ação humana. Os pesquisadores nacionais da época — e citamos principalmente Silvio Romero, Raimundo Nina Rodrigues e Euclides da Cunha — haviam interiorizado todo o etnocentrismo europeu, fortemente marcado por preconceitos intelectualistas que privilegiavam o papel do racional sobre outros tipos de sistema mentais, superestimando o conhecimento objetivo e verificável sobre o conhecimento intuitivo, o raciocínio sobre a emoção; intelectualismo que expressava o orgulho do homem burguês europeu, acreditando haver dominado o mundo natural através da ciência e da técnica, dando assim uma prova de sua superioridade sobre os demais grupos humanos.⁸

A eleição de determinados valores com dimensão histórica como conceitos universais tem, na tradição das Ciências Sociais no país, um alcance ampliado e uma significação conceitual bem determinada. A adoção pelas Ciências Sociais destes referenciais e sua universalização participam da crença, como sublinha Maria Isaura Pereira de Queiroz, de que

uma vez implantado por toda parte o desenvolvimento sócio-econômico, as maiores diferenças entre as sociedades estariam também anuladas, isto é, todas as sociedades se tornariam similares. Um neo-evolucionismo ingênuo e simplista

⁸ Idem, op. cit., 1980, p. 58.

fundamenta estes raciocínios. Desde que seja atingida a mesma finalidade (o desenvolvimento), e que as mesmas qualidades sejam implantadas a fim de que ele possa se instalar (racionalidade e eficiência), parece lógico que os mesmos processos conduzirão ao mesmo fim.⁹

Os retratos em negativo da vida e da cultura brasileiras caracterizam a realidade como faltosa ou lacunar. Isto se dá porque atribui-se a determinadas definições do que é ser moderno a função de valores universais, que são por sua vez convertidos em critérios para a consideração dos contextos sociais específicos. Os elementos que não se adequam a tais critérios, considerados atrasados ou tradicionais, constituem a preocupação das teses progressistas. Desenvolvimento e modernização consistem nisto – são processos que possibilitam a liquidação simples ou a condução dos elementos resistentes na direção do fluxo do desenvolvimento. Isto significa que os contextos particulares são reduzidos ao modelo que se toma como universal.

O comentário crítico feito por Maria Isaura Pereira de Queiroz a respeito destas interpretações, que se constituem tendo por base o par conceitual todo-parte, indica com precisão as suas limitações. A imposição desta mediação abstrata – o conceito de modernidade tomado como um universal – impede uma aproximação efetiva da realidade. Perde-se, nestas interpretações, a possibilidade de consideração de contextos singulares.

Tomar o padrão universal, *o moderno*, como referência para se considerar a realidade implica situar-se excessivamente à distância do que se quer focar. Para usar uma expressão cara a Merleau-Ponty, tal procedimento adota uma posição de sobrevôo do que se quer considerar.

Em contraste com este ponto de vista, ganha em importância, para Maria Isaura Pereira de Queiroz, a obra de Roger Bastide. Esta é valorizada pelo fato de ter adotado, na análise da vida intelectual brasileira, uma perspectiva propriamente sociológica. Tanto para o estabelecimento das bases de uma Sociologia da Cultura Brasileira, quanto para a elaboração de uma Sociologia do

⁹ PEREIRA de QUEIROZ, M. I. Singularidades sócio-culturais do desenvolvimento brasileiro. In: _____. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: EDUSP, 1978. p. 69.

Conhecimento das Ciências Sociais, a contribuição de Roger Bastide é decisiva. Em uma direção inversa daquela da tradição do nosso pensamento social, o que significa dizer, tomando distância da tendência predominante de desqualificar a nossa produção intelectual, o ponto de vista sociológico busca reconhecer nas manifestações culturais ou na obra dos nossos pensadores sociais entidades ontologicamente plenas, que cabe compreender no contexto em que estão situadas.

Na apresentação da personalidade e da obra de Roger Bastide, de 1983,¹⁰ Maria Isaura Pereira de Queiroz ressalta a importância que a elaboração do conceito de *princípio de cisão* teve para a Sociologia da Cultura Brasileira. Com este conceito, Roger Bastide pode superar os dualismos que caracterizaram a maior parte das interpretações da nossa vida cultural.

A tese dualista, formulada de modo elaborado pela primeira vez por Euclides da Cunha, afirmava a existência de um desequilíbrio entre as duas partes que compõem o mundo brasileiro. A primeira, que se refere à dimensão da modernidade, é litorânea, civilizada, racional. A segunda é tradicional, sertaneja, primitiva e pré-racional. A solução deste desequilíbrio, pregavam estas análises, passa pela absorção ou pela liquidação do pólo reconhecido como atrasado. Aqui introduz-se de novo a perspectiva normativa indicada, que distingue entre as formas da experiência as que devem ser valorizadas e as que precisam ser descartadas.

O *princípio de cisão* proposto por Bastide busca explicar a possibilidade de vizinhança de contextos heterogêneos e, em princípio, conflitivos e sobretudo a passagem de um ao outro. O conceito foi utilizado originalmente para explicar o modo como se estabelece no candomblé a classificação de todos os seres com base na partilha das forças cósmicas pelos vários deuses que compõem o panteão. Sua validade pode ser estendida para dar conta da experiência ampla da população negra que se move entre a frequência aos cultos aos orixás de origem africana e a participação nos cultos da religião católica. Esta passagem é possibilitada pelo *princípio de cisão*, que opera estabelecendo limites entre as duas formas de culto. É isto que garante que um mesmo indivíduo passe, sem

¹⁰ PEREIRA de QUEIROZ, M. I. Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide. In: _____. (Org.), *Roger Bastide*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 37).

traumas, de uma religião a outra, sem que se dê a exclusão de uma delas em benefício da outra. O *princípio de cisão* é válido ainda para a composição de uma interpretação global da realidade brasileira. Ele possibilita a superação da atitude normativa que permeava as teses dualistas. Assim, liberta-se do tom pessimista que acompanhava o reconhecimento da variedade cultural da vida brasileira, ao reivindicar a vizinhança das origens plurais como a própria riqueza da nossa cultura.

A obra de Roger Bastide inspirou Maria Isaura Pereira de Queiroz também em seu projeto de uma Sociologia do Conhecimento das Ciências Sociais no Brasil. A postura que Bastide adotou com relação à tradição dos nossos cientistas sociais é expressão do anti-etnocentrismo que ele definiu como o princípio da sua metodologia. Diferentemente de outros pesquisadores estrangeiros e dos pesquisadores nacionais que insistiram em uma desqualificação dos estudos sociais no país, Bastide iniciou suas pesquisas levando em conta os estudos feitos pelos precursores do final do século XIX, como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Manuel Querino e por seu contemporâneo Gilberto Freyre. Em diálogo com estes autores, que participavam todos, de forma pessimista ou otimista, da preocupação em dar conta da difícil integração dos traços díspares presentes no cenário cultural da nação, Bastide adianta, com a conceituação do *princípio de cisão*, a sua contribuição.

O contacto de Roger Bastide com estas interpretações clássicas da vida nacional, que constituíram a base a partir da qual suas próprias teses foram formuladas, motivou em Maria Isaura Pereira de Queiroz as suas considerações a respeito da História e da Sociologia das Ciências Sociais. A adoção, por ela, de uma perspectiva sociológica no tratamento destes temas, pressupõe precisamente a superação de uma postura normativa, externa, de sobrevôo. A Sociologia aposta em que, ao levar-se em consideração o enraizamento em um dado contexto do fenômeno que se tem em foco, este aparecerá necessariamente dotado de positividade e nunca como alguma coisa fora de lugar. Explica-se assim o vigor com que a Sociologia do Conhecimento de Maria Isaura Pereira de Queiroz rechaça as teses que explicam a História das Ciências Sociais no Brasil pela transplantação de teorias estrangeiras. Estas, na medida em que

ênfatisam a dimensão do deslocamento, perdem a chance de considerar os fenômenos positivamente. Elas constituem, na verdade, teses anti-sociológicas.

A valorização por Roger Bastide da contribuição dos cientistas sociais brasileiros repousava ainda sobre a convicção de que a inserção, até mesmo afetiva, do estudioso em um determinado ambiente pudesse contribuir para abrir importantes perspectivas de análise. Estes autores, pelo fato de serem nacionais, encontravam-se em situação privilegiada para analisar a vida brasileira. Isto significava reivindicar a tese de que o subjetivismo, longe de prejudicar a abordagem dos fenômenos a se estudar, constituía uma via privilegiada de acesso a eles. Uma tal tese indicava, para Maria Isaura Pereira de Queiroz, que a Sociologia deveria pautar sua metodologia pela busca de uma aproximação dos fenômenos sociais, o que implicava tomar as coisas sem pressuposições. Ao comentar uma passagem de Bastide que muitas vezes menciona, chega à formulação de sua regra básica diante do objeto:

Trata-se, para o sociólogo, de não se colocar de maneira exterior à experiência social, e sim de vivê-la. ... Temos necessidade de nos transformar naquilo que estudamos, multidão, massa, classe ou casta. ... É necessário, como num ato de amor, transcender nossa personalidade para aderir à alma que se encontra ligada ao dado estudado.¹¹

E comenta:

Também neste ponto Roger Bastide fugia à regra então preconizada nas Ciências Sociais, que condenava o subjetivismo como fonte de erros de observação e interpretação, a afetividade levando a desvios de compreensão. Para Roger Bastide, ao contrário, era o subjetivismo verdadeiro manancial de conhecimentos, permitindo penetrar mais a fundo numa realidade pelos caminhos da sensibilidade e da intuição.¹²

¹¹ PEREIRA de QUEIROZ, M. I. O Brasil dos cientistas sociais não brasileiros. *Ciências Sociais Hoje (São Paulo)*, p. 65-97, 1990. O autor usa a versão original do texto apresentado no XIII Encontro Anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho de Sociologia da Cultura Brasileira, 1989, mimeogr. A citação refere-se à p. 29 desta versão (N.O.).

¹² Idem, op. cit., 1983, p. 13.

Bastide se referia à empatia como a postura a se adotar na abordagem da realidade social. Ela asseguraria a superação da perspectiva de sobrevôo que havia orientado a construção dos *retratos-do-Brasil* bem como a visão pessimista da cultura brasileira que estava contida neles.

Será preciso acrescentar na mesma direção, mas procurando evitar os riscos do ofuscamento que uma excessiva aproximação pode acarretar, que a proposta de elaboração de um *retrato-do-Brasil* deve ter como ponto de partida a definição de um ponto de vista desinteressado. Isto significa que não será colocando-se à distância, como no caso das análises progressistas que interpretam a realidade nacional através de um jogo de contrastes em que esta aparece como a versão em negativo de um certo padrão de modernidade, nem será aproximando-se das coisas de tão perto que já não é possível distingui-las da experiência que se tem delas, que poderemos tentar uma interpretação do mundo brasileiro.

A atitude desinteressada constituiu o tema da reflexão estética de Mário de Andrade, com quem certamente Roger Bastide teve contacto e do qual em muitos pontos se aproxima, no final dos anos trinta. Interessa sublinhar que, nesta altura, a figura de Mário de Andrade já não é a do autor principal responsável pela composição, com o auxílio dos meios analíticos, do retrato modernista do Brasil. Este havia sido elaborado com base na preocupação de inserir o país no concerto das nações cultas. Por esta razão, as categorias que nortearam o ideário do nosso movimento modernista foram as de totalidade e de parte – a totalidade sendo concebida como a modernidade cultural, um universal, e a parte como o Brasil, que nela postulava o seu lugar. Nosso modernismo literário participa da proposta modernista ampla que amadureceu no país, como nota Maria Isaura Pereira de Queiroz, a partir do último quartel do século passado. Ele também concebe a nacionalidade a partir de um enfoque excessivamente externo, o que impede a sua apreensão como uma singularidade. Na conferência *O Artista e o Artesão*,¹³ de 1938, ao contrário, Mário de Andrade, ao propor as suas teses de uma teoria da arte, abre caminho para a superação desta ótica analítica.

¹³ ANDRADE, M. *O baile das quatro artes*. São Paulo: Livr. Martins Ed., 1943.

São três os passos em que se desdobra a argumentação de Mário de Andrade. Um passo inicial manifesta a preocupação de propor um diagnóstico da situação artística atual. Este diagnóstico, na verdade, é bastante negativo, já que aponta como traço característico do cenário da arte atual a existência de um duplo divórcio. O divórcio da arte do seu público, revelando portanto uma crise da sua dimensão social. E, ainda, divórcio da técnica, na arte contemporânea, das exigências materiais contidas no fazer artístico. A arte contemporânea seria ao mesmo tempo excessivamente individualista e excessivamente experimentalista ou formalista.

Segue-se a este passo da argumentação um segundo, que busca referir a situação contemporânea a um quadro ampliado da história da arte. Neste quadro, Mário de Andrade remete a experiência de descaminho vivida pela arte atualmente à situação da arte em geral a partir do Renascimento, ao que se poderia chamar de *modernidade artística*. Esta se caracteriza pela presença de dois fatores que se condicionam mutuamente. O primeiro em que a arte, tendo perdido a referência aos ideais a que antes obedecia, no contexto tradicional, passou a se ocupar estritamente da pesquisa da beleza. “A beleza se desidealiza”, diz Mário de Andrade, “se materializa, se torna objeto de uma pesquisa de caráter objetivo”.¹⁴

E o segundo fator: surge no Renascimento a figura do indivíduo artista, com a pretensão de utilizar-se da arte como meio de expressar a sua individualidade. Resulta da presença destes fatores ter sido a arte marcada desde então por uma exacerbação do formalismo e do individualismo. Explica-se assim a situação contemporânea, quando a arte se apresenta como expressão da individualidade, recorrendo para isto à técnica compreendida por um viés virtuosístico, desprendida das condições materiais que condicionam o trabalho artístico.

O terceiro passo da argumentação da estética de Mário de Andrade pretende indicar a possibilidade de superação dos descaminhos em que se encontra a arte contemporaneamente. Para isto Mário de Andrade propõe que se adote

¹⁴ Idem, op. cit., 1943, p. 22.

uma atitude estética, “diante da arte, diante da vida”.¹⁵ E em que consiste esta atitude estética?

A atitude estética visa retomar a perspectiva de comunicação entre aqueles pólos que se denunciavam como divorciados – da arte e do público (portanto, reassegurando o significado social da arte); e da técnica artística com a matéria da arte. A expressão chave para definir a atitude estética, que visa ao reenlace destes pólos, é desinteresse.

O *desinteresse* constitui um tema clássico da estética do idealismo alemão desde Kant. Mário de Andrade deu a ele uma interpretação que guarda a motivação que inspirou a sua definição original e acrescentou a ela um dado relativo às suas próprias preocupações. Assumir uma atitude estética significava, para Mário de Andrade, a arte adotar um conceito de técnica antiformalista. O que significa: contra a atitude do artista moderno, que compreende o fazer artístico como consistindo em uma intervenção das suas iniciativas sobre a matéria artística, a adoção de uma atitude estética recomenda uma relação com a matéria da arte em que o gesto do artista consiste em trazer à tona ou em desvelar a obra com suas formas que já se encontravam presentes na matéria.

Uma ilustração desta tese pode ser encontrada na maneira como Mário de Andrade considerou a obra do Aleijadinho – como um *classicismo da pedra*. Disse ele:

É certo que em Congonhas o Aleijadinho tratou mais a madeira do que a pedra. Ora, ele foi um técnico formidável que sabia perfeitamente se condicionar aos materiais que empregava, bem como até que ponto os podia condicionar à sua imaginação expressiva. Os planos arredondados, principalmente o audacioso embarrigamento das paredes laterais na São Francisco de São João d'El-Rei, aproveitam admiravelmente o valor da taipa na arquitetura, assim como existe uma diferença forte de concepção entre as esculturas de madeira ou de pedra. A 'moralidade' das esculturas dele é prodigiosa por isso. Na pedra foi um plástico intrínseco, na madeira um expressionista às vezes feroz. Na pedra mais dura, mais eterna, caracteriza sempre e salienta a sensação de nobreza e

¹⁵ Idem, op. cit., 1943, p. 30.

de eternidade, que a pedra tem. As suas figuras guardam um imóvel profundo; não são os gestos que movimentam as pedras dele, é a luz. Suas pedras permanecem perfeitamente conceituais, nesse valor de eternidade incorruptível que torna mesmo a pedra tão solitária, tão nobre no alheio da natureza. Nas cenas dos púlpitos, nas fontes de sacristia, nos profetas de Congonhas, as pedras edificam num ritualismo estático, a que as redondezas lisas dos volumes ainda acrescentam esse paroxismo de volúpia, que está mesmo sempre junto do êxtase e das calmas hieráticas.¹⁶

A arte do Aleijadinho apresenta uma atitude estética desinteressada na medida em que não violenta a pedra, mas, retira da pedra a escultura já nela contida.

A atitude estética associada a esta idéia de uma redefinição do modo como a técnica se apresenta no fazer arte é uma interpretação bem própria de Mário de Andrade. Ela guarda, de qualquer modo, alguma coisa da inspiração original do conceito – na verdade, basicamente, a idéia de desinteresse.

O que é que se quer dizer quando se fala de uma atitude estética desinteressada? Certamente não se está pensando no desinteresse como alguma forma de indiferença para com as coisas.

Ao contrário, ao se falar de uma atitude desinteressada tem-se em mente o modo como os espectadores de uma obra de arte se relacionam com ela. A experiência estética vivida pelo espectador tem os traços de uma atitude mais propriamente contemplativa. Esta nos possibilita uma aproximação das coisas como elas são na sua livre aparência, na sua espontaneidade. Numa relação estética não se interpõem entre nós e as coisas grades interpretativas, como quando nos preocupamos em obter um conhecimento delas. Tampouco nela interferem juízos de natureza moral ou utilitária. Se pretendemos uma relação estética com as coisas não interferimos no modo como elas aparecem para nós. Neste sentido a atitude estética se distancia e supera o ponto de vista analítico que era reivindicado para a composição dos *retratos-do-Brasil*. A análise é externa, ela considera o que

¹⁶ ANDRADE, M. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Livr. Martins Ed., 1975. p. 45.

aparece através do prisma de um modelo teórico. A atitude estética pode liberar o olhar e possibilitar um contacto mais comunicativo com a realidade. Por outro lado, a atitude estética não promove a fusão dos processos subjetivos com a realidade. Há de alguma forma uma distância que é mantida, sem o que o espectador não teria condições de compreender e apreciar o significado do que se apresenta.

A relevância que uma perspectiva desinteressada poderia ter para a constituição, em novas bases, de um *retrato-do-Brasil* foi percebido pelo próprio Mário de Andrade alguns anos mais tarde na revisão do conceito de nacionalismo artístico presente em *O banquete*. Ali se lê:

O problema da nacionalização duma arte não reside na repisação do folclore. O problema verdadeiro era 'expressar' o Brasil. Mas como os iniciadores desta expressão, noutros países, se aproveitaram 'também' dos temas tradicionais, o que os compositores brasileiros pescaram quase todos, apesar das advertências insistentes de um Andrade Murici, foi só isso: temática folclórica. Em vez de expressarem o Brasil, 'cantaram o Brasil'. Tal como isso vai, paupérrimo e limitado, cantiga-de-roda, batuque, negrismo decorativismo, é possível que estejam construindo um dicionário de brasileirismos. Porém jamais que isso será a Música Brasileira, isto é, expressão musical do Brasil.¹⁷

¹⁷ ANDRADE, M. *O banquete*. São Paulo: Duas Cidades, 1989. p. 155.